

Clara dos Anjos, relações de trabalho e de raça

Clara dos Anjos, labor and race relations

Andreza Braga MODESTO*

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO: Sob as marcas de um passado escravocrata, *Clara dos Anjos* (2012) discute o preconceito de cor e contextualiza a transição de um modelo de produção escravista para o trabalho assalariado. No romance, o escritor inaugura um realismo crítico a partir da história de Clara, uma jovem moradora do subúrbio do Rio de Janeiro e filha de carteiro, que é seduzida por um rapaz da vizinhança que a abandona. Desse modo, o artigo tem como objetivo investigar os recursos ficcionais utilizados por Lima Barreto para a discussão racial e as relações de trabalho retratadas na obra. A narrativa denuncia a exclusão social e os problemas de uma sociedade heterogênea que é impactada pela ausência de políticas públicas. Para tanto, mobilizamos o conceito de disjunção esboçado por Luís Bueno (2021), os estudos de Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019) e Lélia Gonzalez (2020) para analisar a maneira que a mulher negra é representada; Além de Octavio Ianni (1988) e Osman Lins (1976) para discutir o movimento da literatura negra no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Clara dos Anjos*. Escravidão. Relações de trabalho. Movimentações do narrador.

ABSTRACT: Under the marks of a slave-owning past, *Clara dos Anjos* (2012) discusses racial prejudice and contextualizes the transition from a slave-based production model to wage labor. In this narrative, the novelist inaugurates a critical realism through the story of Clara, a young woman living in the suburbs of Rio de Janeiro and the daughter of a postman, who is seduced by a neighborhood boy who abandons her. Therefore, the article aims to investigate the fictional resources used by Lima Barreto for the discussion of race and the labor relations portrayed in the work. The narrative denounces social exclusion and the problems of a heterogeneous society impacted by the absence of public policies. To that end, we mobilize the concept of disjunction outlined by Luís Bueno (2021), the studies of Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019) and Lélia Gonzalez (2020) to analyze the way a black woman is represented; In addition to Octavio Ianni (1988) and Osman Lins (1976) to discuss the black literature movement in Brazil.

KEYWORDS: *Clara dos Anjos*. Slavery. Labor relations. Narrator's movements.

* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR; Mestra em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba-PR. Graduada em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Castanhal-PA. Contato: drezamodestobraga@gmail.com.

Introdução

Nascido sete anos antes da promulgação da Lei Áurea de 1888, Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) escreveu o romance *Clara dos Anjos* que é considerado um livro fundamental na literatura brasileira, marcado pela sociedade escravista do século XIX. Ao longo de sua trajetória, o escritor ficou reconhecido pela sua contribuição à literatura nacional com a publicação de obras como *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), entre outros livros do gênero romance, contos e crônicas.

Lima Barreto começou a criar o romance *Clara dos Anjos* por volta de 1904. Anos depois, o esboço do livro foi transformado em um conto publicado em *Histórias e sonhos* (1920). A data da conclusão do romance ocorreu entre dezembro de 1921 a janeiro de 1922, mesmo ano em que o romancista faleceu, sendo publicado postumamente pela *Revista Sousa Cruz* em forma de folhetins, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, só obtendo a impressão em livro em 1948 pela Editora Mérito (Marcos Lima, 2010, n.p.).

Apesar de sua partida precoce, o romancista brasileiro deixou um legado e uma versatilidade em criar mundos ficcionais que problematizam os conflitos sociais, o preconceito racial, o inchaço de uma população que escancara a pobreza latente e a falta de perspectivas de vida nos subúrbios do Rio de Janeiro. *Clara dos Anjos*, em particular, é um exemplo relevante desse tipo de abordagem, com descrições e simbologias para mergulhar nas complexidades e angústias do ser humano e da sociedade. Assim, o objetivo deste trabalho é identificar a forma como as relações de trabalho e a questão racial estão representadas no romance.

O romance narra a história de uma jovem moradora do subúrbio do Rio, mulata, segundo a descrição do narrador, filha de um carteiro e apreciador de modinhas, que é seduzida pelo Cassi, um malandro, branco, que a abandona. No prefácio da edição de 2012, Lúcia Miguel Pereira registra que “a sedução de Clara, indica o diário, ocorreria no dia 13 de maio, dia em que foi proclamada, como nos diz a história oficial, a Abolição da escravatura”. Todos os personagens passam por algum tipo de variação, no entanto, Clara não se modifica, “é sempre a mesma criatura passiva, que a vida tritura incansavelmente” (Pereira, 2012, p. 26). No final, quando Clara, grávida, vai procurar a mãe do amante e é

por ela insultada, Lima Barreto, esquecido da inércia mental de sua heroína, usa-a como porta-voz das suas próprias reflexões.

O livro insere-se no período da Primeira República e mergulha na vida das famílias suburbanas do Rio de Janeiro, trazendo para a cena a dupla exclusão sofrida pelas mulheres negras e mulatas¹ que vivenciavam o preconceito tanto de gênero quanto de cor. Se nos tempos atuais o Brasil ainda sofre com os sintomas e efeitos colaterais do preconceito racial, naquele período, época do lançamento de *Clara dos Anjos*, havia uma efervescência da violência e do preconceito, a lei áurea deixava uma ferida aberta que maltratava no sentido real e simbólico o corpo e a alma do negro, tal como adverte Sérgio Buarque de Holanda (2012, p. 44), “essa humanidade, despojada da ‘situação normal’, exilada do seu verdadeiro mundo, é que representa a matéria-prima de toda a obra de ficção de Lima Barreto”.

Para pensarmos a violência racial e de gênero, temas marcantes na estrutura da narrativa, recorreremos às intelectuais Djamilia Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019) e Lélia Gonzalez (2020), cujos estudos e reflexões oferecem eixos interpretativos promissores para a compreensão das hierarquias que perpassam o texto. A esse diálogo somam-se Octavio Ianni (1988), Osman Lins (1976), cuja análise se dedica à poética de Lima Barreto, e Marcos Lima (2010), ampliando o horizonte crítico desta interpretação.

Em sua pesquisa, Luís Bueno (2021) desenvolveu um estudo sobre o aspecto disjuntivo que é considerado um elemento característico da literatura e da vida nacional. Conforme preconiza o pesquisador, a nossa sociedade é fragmentada e impulsionada pelas desigualdades gritantes que o fez apontar *Clara dos Anjos* como um romance disjuntivo devido ao fato de a narrativa trazer o desenho de uma sociedade desigual e as marcas de um isolamento individual e coletivo. Essa questão disjuntiva é uma das chaves de leitura que nos valem para acessar o universo ficcional de Lima Barreto, pois o conceito se relaciona com a movimentação do discurso do narrador.

¹ De acordo com a nota da edição de 2012 do romance, Lima Barreto se atenta às “classificações raciais” e faz questão de ressaltar essa diferenciação cromática da pele: “Todas as moças, das mais diferentes cores, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiem e harmonizavam” (Barreto, 2012, pp. 131-132). É comum o emprego de diversas designações para descrever a tonalidade da pele, tal como termo *mulata*, fazendo referência à Clara na história: “Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos...” (Barreto, p. 150), e por essa razão deixamos o termo preservado neste trabalho para problematizá-lo a partir de um viés interpretativo.

No primeiro momento, o trabalho discute a escolha dos dispositivos literários motivadores de um realismo crítico e realça a contribuição de Lima Barreto para o movimento da literatura negra. Em seguida, o estudo investiga a configuração do ponto de vista, a partir dos impasses do narrador ao figurar a protagonista, a vida dos trabalhadores inseridos em seu espaço, alcançando os conselhos de Lins (1976, p. 64) ao dizer que “é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do seu espaço ou do seu tempo, ou, de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual a sua importância e como os introduz o narrador”.

Para mais, a pesquisa destaca a importância que uma obra pode repercutir, ao longo do tempo, na formação crítica do leitor, pois lhe confere a possibilidade de novas interpretações, sem perder de vista a questão social como elemento essencialmente interno da própria construção artística, como tão bem assinala Antonio Candido (2023, p. 26), para não “correr o risco de uma perigosa simplificação causal”.

1 *Clara dos Anjos*: análise dos elementos ficcionais que compõem a narrativa

Clara era de uma natura amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que modelasse e fixassem (Barreto, 2012, p. 219).

Dividido em dez capítulos, o romance narra a história de *Clara dos Anjos*, uma moça de dezessete anos, mulata, filha de Engrácia e de um carteiro chamado Joaquim dos Anjos. Ambientado em um subúrbio do Rio de Janeiro, a trama conta o drama angustiante da jovem que foi seduzida – tal como tantas outras moças da mesma cor e do mesmo ambiente por Cassi Jones, um “cantador de modinhas que, além do violão, só tinha duas preocupações: desfrutar o maior número possível de mulheres e criar galos de briga” (Pereira, 2012, p. 21).

Educada com o maior recato e desvelo, Clara era de uma natureza *amorfa* e *pastosa*, cuja única pretensão na vida era a de se preparar para o casamento, sem pretensão alguma de adquirir uma personalidade e construir uma vida de independência, segundo o ponto de vista do narrador. Costumava viver sob a vigilância constante dos pais e, quando ousava colocar os pés na rua, saía apenas com uma vizinha chamada Margarida, uma viúva séria que ensinava bordados e costuras para a jovem. No desfecho, a moça aparece

grávida, abandonada à própria sorte, rejeitada tanto pelo rapaz quanto pela família dele, sofrendo na história e na pele a violência do racismo.

Outras figuras comparecem na galeria de personagens criados por Lima Barreto, tal como Antônio da Silva Marramaque, grande amigo de Joaquim do Anjos e padrinho de Clara, e Eduardo Lafões, personagem responsável por apresentar Cassi à Clara. Há também Leonardo Flores que pode ser facilmente associado ao romancista brasileiro devido à feição trágica e dolorosa existentes no personagem, porém, segundo Sérgio Buarque de Holanda (2012), não sabemos se é lícito escrever sobre os livros de Lima sem cometer o “pecado do biografismo” que tem denunciado em muitos estudiosos da obra do autor.

A temática do romance, sem dúvida, é o preconceito racial e a exclusão social, interpretação essa que pode ser observada pelas lentes de um narrador intruso² ao mostrar a reação de Salustiana, mãe de Cassi, diante dos crimes de defloramentos cometidos pelo filho: “A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma *criada preta*, ou com uma *pobre mulata* costureira, ou com uma *moça branca lavadeira* e analfabeta” (Barreto, 2012, p. 87, grifo nosso). Por meio destes termos, notamos o preconceito tanto de cor quanto de gênero, mas, no caso da mulher negra, a relação com o mercado de trabalho se sobrepõe, denotando o lugar de subalternidade a que era associada. Isso se confirmará nas próximas páginas da narrativa. O termo *mulata*, por exemplo, merece atenção, pois sua definição, segundo Lélia Gonzalez (2020, loc. 37-38), “implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada ‘produto de exportação, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais’”.

Sob esse prisma, compreendemos um contingente expressivo de mulheres negras nessa relação de trabalho, sobretudo, ocupando funções de limpeza. A recorrência das designações “criada preta” e “pobre mulata costureira” na ficção revela o espaço simbólico que lhes é imposto, um lugar de invisibilidade. Indo além, conforme descreve o narrador, Salustiana “nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina” (Barreto, 2012, p. 83).

² Em resumo: O Autor Onisciente Intruso “é livre não apenas para informar-nos as ideias e emoções das mentes de seus personagens como também as de sua própria mente. A marca característica é a presença das intromissões e generalizações autorais sobre a vida, os modos e as morais, que podem ou não estar explicitamente relacionadas com a estória à mão” (Norman Friedman, 2002, p. 173).

Essas passagens do romance são um reflexo das marcas deixadas pelo período da escravidão e pelo estigma que a mãe de Cassi carregava ao representar os valores brancos e burgueses de uma metrópole embranquecida e higienizada, ainda que residisse em um ambiente afastado dos grandes centros urbanos.

Em seu estudo *Literatura e consciência*, Octavio Ianni (1988) aponta Lima Barreto como “fundador da literatura negra” ao lado de Machado de Assis e Cruz e Souza por se inscreverem na chamada literatura afro-brasileira. Para o autor, em geral, o movimento da literatura negra se forma e transforma, pois, “há obra ou autores que instituem toda uma ‘família’. Criam os seus descendentes e inventam antecessores” (Ianni, 1988, p. 92). O tema da negritude esboçado por esses autores aparece, muitas vezes, recôndito ou sublimado, como é caso de Cruz e Souza e Machado, no entanto, o poeta e os romancistas constroem famílias fundamentais da literatura negra em que Lima Barreto se destaca pela sua objetividade irônica, a crônica do cotidiano e o despojamento na abordagem da questão racial (Ianni, 1988).

Como sinaliza o crítico, o escritor brasileiro “elege situações e personagens que, em geral, abrem outros dilemas, revelam o outro lado da montanha, árvore, aparência. Não foge às implicações sociais e artísticas do subúrbio” (Ianni, 1988, p. 96). Muito próxima das palavras de Octávio Ianni estão as palavras de Osman Lins (1976), que, em seu estudo promissor sobre *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, afirma ser o romancista, talvez, o escritor brasileiro que mais de perto enxergou as fraturas sociais com maior verdade e lucidez. Tal sugestão do autor, ou poderíamos considerá-la uma acertada visão, o leva a sustentar que a leitura de Barreto foi parcialmente prejudicada pelo contexto de sua época, pois, sendo ele contemporâneo de Machado de Assis, seus livros ficaram submetidos à comparação, que limitou a admiração inicial e retardou o reconhecimento de seu alcance.

Para aprofundarmos a questão racial, remontamos à cena na qual o narrador intruso expõe a falta de padrão de Cassi na escolha de suas vítimas: “as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores” (Barreto, 2012, p. 87), contudo, não é o que se evidencia a seguir na fala das personagens. Esse fato pode ser comprovado na discussão entre Salustiana e Manuel Borges sobre os crimes de abuso praticados pelo filho deles: “– Qual calúnia, qual nada! Este rapaz é um perverso, é sem-vergonha. Eu sei

o nome das outras. Olhe: a Inês, aquela *criolinha* que foi nossa copeira e criada por nós; a Luísa, que era *empregada* do doutor Camaracho” (Barreto, 2012, p. 87, grifo nosso).

Nesse trecho, podemos acentuar que, para os pais, apesar de repudiarem a atitude do filho, não deixam de realçar a cor da pele das moças associadas ao trabalho doméstico, o que demonstra uma crítica relacionada à hierarquia social e às classificações raciais. A autora feminista Grada Kilomba (2019) expõe uma problemática sobre a figura da mulher negra ser considerada uma antítese de branquitude e masculinidade que dificulta que ela seja concebida como sujeito. Djamila Ribeiro (2019, loc. 22), inspirada na leitura de Kilomba, confere que “o olhar tanto de homens brancos e negros quanto de mulheres brancas, confiaria a mulher negra a um local de subalternidade muito difícil de ser ultrapassado”. Não por acaso, podemos alinhar esse episódio ao pensamento das intelectuais por meio do discurso da mãe de Cassi ao discordar do marido, “– Mas tudo isto já passou, Maneco. Você quer que o seu filho vá para a cadeia? Porque, casar com essas *biraías*³, ele não se casa. Eu não quero” (Barreto, 2012, p. 87, grifo nosso).

A ênfase recaía sobre as mulheres, atingindo, exclusivamente, a figura da mulher negra. Tal preocupação fez Lélia Gonzalez evocar que os efeitos da dominação colonial e patriarcal operam por meio de dispositivos simbólicos que naturalizam hierarquias raciais e de gênero. São diversos os termos ressaltados pelas personagens até aqui, tais como *criolinha*, *biraías* e *mulata*. Sob esse enfoque, o termo *mulata* comparece na narrativa de forma recorrente, inscrevendo-se através da consciência do narrador, que concentra sobre Clara um olhar marcado por essa designação:

Uma dúvida lhe veio; ele era *branco*; e ela, *mulata*. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos, que, ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar” (Barreto, 2012, pp. 150-151, grifo nosso)

A imagem da personagem aparece estigmatizada pela marca racial que lhe é socialmente atribuída. A esse respeito podemos evocar o que afirma Gonzalez (2020, loc. 150): “Quando se analisa a presença da mulata na literatura brasileira e na música popular, sua aparência física, suas qualidades eróticas e exóticas é que são exaltadas”. A ênfase feita na citação – “os seus seios duros quase estouravam de virgindade” – e o pensamento

³ Termo pejorativo para designar uma mulher prostituta.

da autora entram em harmonia e comprovam esse olhar. Dessa forma, entendemos que a narrativa reinscreve, no interior de sua própria forma, um impasse do narrador, contido na descrição da cena do encontro entre Cassi e Clara. Ainda que criado por um autor negro, a composição do narrador configura-se como um olhar sobretudo masculino, posicionado sobre o corpo de uma mulher, que remete a um recorte da vida brasileira ainda inconcluso.

Noutro ponto, o problema do uso do termo *biraias* comparece na fala das personagens e, mesmo que pareça destinado às mulheres em geral, vítimas de Cassi Jones, são as figuras negras, *mulata* e *criolinha*, conforme a visão de Salustiana, as mais afetadas. A esse respeito, Gonzalez (2020, loc. 151) elucida que a mulata “foi claramente transformada em uma mercadoria para consumo doméstico e internacional”. Logo, as considerações de Gonzalez não se distanciam das proposições de Marcos Lima (2010, n.p.) ao mencionar que a prosa de Lima Barreto, além de dar voz às pessoas silenciadas dos subúrbios do Rio de Janeiro, traça uma denúncia quanto ao preconceito que as mulheres negras enfrentavam e que “continuavam a gozar de má reputação, devido a uma cultura patriarcal e escravagista que havia submetido, através de uma violência explícita ou implícita” (Marcos Lima, 2010, n.p.).

Já nos primeiros capítulos do romance, o leitor acompanha um contraponto interessante voltado para as dissonâncias sociais constantes no espaço e na ação das personagens. Salustiana, por exemplo, representava a figura dos residentes do subúrbio que se consideravam pertencentes ao tipo de aristocracia suburbana devido ao fato de residir em um ambiente valorizado do próprio subúrbio. A narrativa, sob esse prisma, chama atenção para a existência de uma certa hierarquia social nesses bairros, desconstruindo a ideia de que o subúrbio seria considerado uma espaço socialmente homogêneo.

É este efeito que faria Octavio Ianni (1988, pp. 97-98) pensar que Lima Barreto “institui uma visão crítica da sociedade, do mundo social dominado pelo branco. Vê a cidade a partir do subúrbio, do refúgio dos infelizes, de baixo para cima. Lança um protesto gritado, vasto, indignado. Inaugura o realismo crítico”. Todavia, sem desviar a atenção dos impasses contidos na posição do narrador e dos limites que lhe são impostos em seu jogo de aproximação e afastamento, especialmente ao focalizar a representação de Clara dos Anjos.

Apesar de o livro ter sido publicado no período pós-abolição e ter levado aproximadamente vinte anos para ser escrito, a contar pela sua versão primitiva correspondente ao ano de 1904, a narrativa acompanha o reflexo das mudanças de representantes políticos que ainda conservavam o regime de um governo unipessoal, eliminando a política de uma coletividade que, conforme Jorge Caldeira (2017), resultava no sofrimento das camadas mais empobrecidas do Rio de Janeiro. Esse sistema democrático, longe de ser representativo, sustentava-se a partir de um pensamento autoritário que seguiu alimentando muitas movimentações governamentais de figuras como Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves, só para citar algumas dessas figuras.

Em 1902, no campo literário, era lançado um livro fundamental: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. A narrativa cria um salto e extrai um saldo interpretativo da época ao evidenciar que “os analfabetos de Canudos eram tratados como sujeitos na luta – como cidadãos vítimas do Estado e não como súditos sem capacidade de discernir nem direito de se defender contra os atos do Império” (Caldeira, 2017, p. 410). O impacto de uma obra como a de Euclides convocava a pensar a definição dos direitos do cidadão e a formulação de um código civil que regulasse o exercício desses direitos como as leis escritas (Caldeira, 2017).

Já na arena política, Rodrigues Alves assumia o poder com a ideia de reconstruir e sanear o Rio de Janeiro, fato esse que trouxe graves consequências para o subúrbio, tal como fica demonstrado no capítulo sete do romance: “Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo” (Barreto, 2012, p. 183). Por essa razão, a relação de trabalho identificada no romance não deixa de estar associada ao regime político e socioeconômico do período.

Nesse viés, o espaço evidenciava um ponto problemático do projeto político de Rodrigues Alves: a transformação da cidade em um cartão postal, a modernização da cidade e a replicação de formas e costumes baseados numa mentalidade europeia e civilizada. Para isso era preciso derrubar os subúrbios, reconstruir avenidas largas, vacinar a população e expulsar aqueles que não se enquadrassem a esse modelo. Consequentemente, os grupos de pessoas negras e afrodescendentes sofriam com as

expulsões geradas por esse modelo de sociabilidade que os deixavam relegados às margens dos grandes centros do Rio.

O enredo apresenta essas dificuldades e a situação degradante enfrentadas pelos moradores do subúrbio. A procura por um emprego remunerado e moradia é o reflexo de uma sociedade que sofria com o inchaço populacional vinculado ao funcionalismo público e que pode ser identificado por meio da composição do narrador ao esboçar: “São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis” (Barreto, 2012, p. 188). Dessa forma, a narrativa contextualiza a transição de um modelo de produção escravocrata para o trabalho assalariado, exemplo esse que focalizamos, neste momento, com atenção na figura de Joaquim dos Anjos. E essa compreensão da indissociabilidade entre espaço, tempo histórico e as personagens já foi muito bem trabalhada pelo pesquisador e professor Osman Lins que dedicou os seus estudos aos romances de Lima.

Embora o pai de Clara tivesse obtido um cargo como funcionário público, ele chegou a exercer trabalhos informais, oferecidos por John Herbert Brown, um engenheiro inglês, que entre esses cargos “empregou-se como seu pajem, guia, encaixotador, servente etc., e tanto foi obediente e serviu a contento o sábio, que este, ao dar por terminadas as suas pesquisas convidou-o a vir ao Rio de Janeiro” (Barreto, 2012, p. 61). Nessa exposição, o narrador conduz para a demonstração dessas primeiras funções e serviços ocupados pelo personagem até sair de Diamantina (MG) para o Rio de Janeiro em busca de condições melhores condições de vida,

(e) toda sua ambição se cifrou em obter um pequeno emprego público que lhe desse direito à aposentadoria e o montetipo, para a família que ia fundar. Conseguiria, ao fim de dois anos de trabalho, aquele de carteiro, havia bem quatro lustros, com o qual estava contente e satisfeito da vida, tanto mais que merecera sucessivas promoções (Barreto, 2012, p. 62).

Como se nota, Joaquim representava o modelo de produção capitalista voltado para o trabalho assalariado classificado como um trabalho não produtivo, tal como outros serviços médicos, funcionários públicos e militares, de acordo com José Netto e Marcelo Braz (2012). Nesse cenário, a trajetória da família de Clara dividia espaço com outras, mantendo um grau ora de semelhança, ora de dissonância, principalmente, quanto às

funções exercidas pela população e o histórico econômico e social desses moradores, cita o narrador: “Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá” (Barreto, 2012, p. 188). A representação do trabalho também pode ser detectada a partir de um certo incômodo contido na ótica do narrador sobre aqueles que não desempenhavam nenhum tipo de cargo formal, que era o caso de Cassi Jones,

Incapaz de um trabalho continuado, causava pasmo vê-lo cuidar as manhãs daqueles horripilantes galináceos, das ninhadas, às quais dava milho moído, triguinho, examinando os pintainhos, um por um, a ver se tinham bouba ou gosma. [...] Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia (Barreto, 2012. p. 98).

Quando comparado ao Joaquim dos Anjos, a posição do narrador se comporta de maneira respeitosa, como se atribuisse mais valor aos que exerciam um emprego formal vinculado ao funcionalismo público, assim expõe: “e toda sua ambição se cifrou em obter um pequeno emprego público que lhe desse direito à aposentadoria e o montetipo, para a família que ia fundar” (Barreto, 2012, p. 62). O mesmo incômodo também se aplicava à Clara, devido a sua falta de perspectiva diante de um ideal de independência feminina em um episódio no qual o narrador elege a figura de Margarida como um exemplo e perfil progressista a ser seguido: “Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um *tolo escrúpulo* de *ganhar dinheiro* por suas próprias mãos” (Barreto, 2012, p. 219, grifo nosso). Aqui, Margarida parece cumprir um papel fundamental voltado para a emancipação e o direito da mulher em conquistar sua independência por meio do trabalho, algo que a mãe de Clara, dona Engrácia, não correspondia, porque “a mãe *não tinha caráter*, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente” (Barreto, 2012, p. 219).

Em ambos os casos, sublinhamos as passagens “tolo escrúpulo de ganhar dinheiro” e “não tinha caráter”, expressões mobilizadas para qualificar as mulheres. De um lado, Clara é inevitavelmente invisibilizada por não ter perspectivas, além de ser posicionada em um lugar de passividade. Do outro, mesmo Margarida, que parecia desempenhar um papel fundamental, é reduzida à ideia de um “tolo escrúpulo”, o que não deixa de desqualificá-la, ainda que a intenção seja a de qualificar. Isso sem deixar de

menção a mãe de Clara, considerada destituída de caráter em razão de sua dedicação integral à família, pois, segundo a lente do narrador, não lhe oferecia incentivos para que seguisse um caminho de maior autonomia. Ou seja, há um incômodo embutido na consciência do narrador, voltado tanto para a questão do trabalho quanto para a de gênero.

Retomando para o exame do espaço mesclado à estratégia narrativa, todo esse desenho fazia parte do cotidiano de grupos distintos que estavam à margem da sociedade carioca e que compreendia o subúrbio como “o refúgio dos infelizes” (Barreto, 2012, p. 188). Estas passagens são construídas com o intuito de denunciar os problemas sociais e a ausência de políticas públicas que atendessem às demandas de uma população heterogênea. Podemos ir mais adiante e analisar a forma como o narrador relata as condições precárias e as dissonâncias visíveis nesse ambiente:

O subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira. Há casas, casinha, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato (Barreto, 2012, p. 183).

Se o romance nos ensina a ler o narrador, como assinalou James Wood (2011, p. 11), não à toa o leitor de *Clara dos Anjos* notará a denúncia latente manifestada no jogo do foco narrativo. Esse foco, porém, oscila de modos diferentes e nos leva a estender a discussão para a análise dessa estratégia ficcional. Seguindo essa linha, Luís Bueno (2021) considera que o narrador demonstra uma simpatia pelos habitantes das regiões pobres do Rio de Janeiro ao se posicionar a favor das causas e abraçar as lutas contra a precariedade dos indivíduos residentes do subúrbio.

Mas, é interessante indagar até que ponto a movimentação desse foco se sustenta, pois, conforme a hipótese teórica de Bueno (2021), em um dado momento da narrativa, a figura do narrador demonstra sua verdadeira identidade enquanto carioca, especialmente, a partir da apresentação de Joaquim e Marramaque, que não eram cariocas: “Joaquim [que era de Minas] já se havia habituado ao Rio de Janeiro no mês e pouco em que estivera aqui, a serviço do Sr. John Herbert Brown” (Barreto, 2012, p. 61). E Marramaque era “de uma cidadezinha do Estado do Rio, nas proximidades da Corte” (Barreto, 2012, p. 111) e “o pai consentiu que ele viesse para o Rio” (Barreto, 2012, p. 115). Ou seja, o narrador se

posiciona como quem se preocupasse com os problemas, de quem já fez parte do subúrbio e, ao mesmo tempo, se mantém do outro lado daquele espaço. Tudo isso indica a marca disjuntiva existente no romance (Bueno, 2021).

Outro dado que caracteriza a disjunção está centralizado em uma cena na qual Cassi Jones visita o grande centro da cidade por dois motivos: o primeiro por ter sido o responsável pelo assassinato de Marramaque e, o segundo, para fugir de Clara: “Raramente, vinha ao centro. Quando muito, descia até o Campo de Sant’Ana e daí não passava (Barreto, 2012, p. 254), “deixando evidente que seu ponto de vista, nas palavras de Bueno (2021, p. 86), é o de alguém do lado de lá do muro que separa os suburbanos da parte ‘normal’ da mesma cidade em que vivem”. Todo esse procedimento narrativo, explica o crítico (2021), deve-se à identificação do narrador pelo seu eventual leitor que está do lado da ordem da ‘situação normal’. Por esse motivo, a tendência do narrador era a de explicar o que não ficava visível para o outro lado da norma.

Recuperando a citação de Bueno (2021, p. 83) sob outro enfoque, o comportamento do narrador se mantém intrusivo no modo como se aproxima da criação de Clara do Anjos que a “vê de fora, porque o único momento em que essa aproximação se dá de forma efetiva é no final do romance”. Em outras palavras, o narrador opera em limitar o pensamento crítico desenvolvido por Clara, uma vez que “na sua cabeça, não entrava que a *nossa* vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a *nossa* condição e *nosso* sexo” (Barreto, 2012, p. 219, grifo nosso). Malgrado, porém, a postura oscila entre aproximação e distanciamento quanto à delimitação do raciocínio da personagem: “Cada um de *nós*, por mais humilde que seja, tem que meditar durante a sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder calmamente, se o *tivermos* que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência” (Barreto, 2021, p. 219, grifo nosso).

Baseado nessas passagens acima, é como se o narrador funcionasse de suporte intelectual para Clara, principalmente, ao se revelar por meio do uso da primeira pessoa do plural – *nossa* e *nosso/nós* e *tivermos*, tal como explicou Norman Friedman (2002) é natural que o narrador não relate o que se passa nas mentes dos personagens, mas sempre as critique. Sob o mesmo ângulo, Lúcia Miguel Pereira, no prefácio da edição de 2012, afirma que “Lima Barreto trabalha com muito mais profundidade as personagens masculinas do que as femininas; as figuras centrais dos seus romances são todas de

homens, à exceção desta Clara”. Assim, o comportamento do narrador deste romance se aproxima mais da forma como Clara foi criada ao invés do plano de consciência dela que será desvelado no final do romance. Entretanto, cumpre pincelar a estratégia ficcional contida nas suspeitas que Clara desenvolvia sobre a participação de Cassi Jones no assassinato do padrinho:

Clara, logo que soube do assassinio do padrinho, ficou fora de si. Lembrou-se das ameaças veladas que Cassi fazia ao padrinho, nas cartas que lhe escrevia; lembrou-se também da carta em que ela narrava ao namorado a atitude de Marramaque, quando o pai falou ao compadre na necessidade de ter um franco entendimento com o violeiro. Por aí e por outras pequenas circunstâncias, *atribuía a Cassi o assassinato do padrinho e como que se julgava também sua cúmplice* (Barreto, 2012, p. 247, grifo nosso).

Nesse fragmento, mesmo que a personagem estivesse pensando a partir do suporte intelectual fornecido pelo narrador, existe um grau de raciocínio, ainda que gradativo e suavizado, contido na articulação de Clara ao reunir as pistas e suspeitas acerca de Cassi, tal como retrata o narrador: “nessa ocasião, ela avaliaria o grau de certeza de suas suspeitas” (Barreto, 2012, p. 252). Aqui, entre o foco narrativo e a personagem existe uma certa aproximação que é desfeita logo em seguida devido à postura de Clara se manter concentrada na espera por uma correspondência amorosa de seu sedutor.

Lamentavelmente, o desfecho da narrativa é inquietante e pessimista ao mostrar a viagem de Cassi escapando das responsabilidades e abandonando Clara, o que remete à impunidade com a qual as figuras afro-brasileiras se defrontam ao serem violadas por múltiplas razões, à medida que a protagonista conclui: “– Mamãe! Mamãe! – Que é minha filha? – Nós não somos nada nesta vida” (Barreto, 2012, p. 294). Assim, Clara reage ao sistema e fica em choque diante do preconceito racial.

À guisa de conclusão

Em uma nota de rodapé feita por Lília Schwarcz e Pedro Galdino (2012, p. 294), os autores afirmam que “a despeito de toda cultura, crítica e diferenciação, ao final, todos os indivíduos negros, mesmo aqueles que já não conhecem mais a realidade da escravidão, terminam por lembrar de sua condição original”. Indo além da nota de Schwarcz e Galdino (2012), os críticos Ianni (1988) e Lins (1976) aprofundam a questão

racial ao identificarem na prosa de Lima, uma tendência a expor as fraturas e sofrimentos históricos da população negra. Essa é, sem dúvida, uma perspectiva que contempla o romance como registro histórico, artístico e simbólico, capaz de revelar as contradições de seu tempo e as marcas deixada pelo impacto imediato da Lei Áurea, cujos desdobramentos ainda reverberam em nossa época.

No final da história criada por Lima Barreto, o narrador torna-se porta-voz das reflexões da personagem:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que *tinha a noção exata da sua situação na sociedade*. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos” (Barreto, 2012, p. 293, grifo nosso).

Nesse instante, a passividade sustentada pela protagonista no decorrer da trama se esvai completamente e aponta “o drama de muitas gerações de mulheres de seu meio e cor” (Pereira, 2012, p. 28). É este efeito que faria Octavio Ianni (1988, p. 98) indicar o escritor Lima Barreto como um dos fundadores da literatura negra por causa de sua matéria de criação que compreendia as vivências, “as sofrências do negro, as inquietações, reivindicações, derrotas e vitórias do movimento negro”. Por meio da estratégia textual descrita pelo narrador, identificamos que Lima Barreto criou duas características pertinentes no romance: a história social e o tema racial no Brasil marcado pelo passado escravocrata. A obra *Clara dos Anjos*, portanto, foi vista como um arquivo emocional, social e um romance disjuntivo, capturando as experiências e emoções das personagens diante das mudanças sociais e políticas que ocorriam no Brasil naquele cenário. Esse trabalho literário fez com que o romancista construísse famílias fundamentais da literatura negra e, ao mesmo tempo, se destacasse pela sua objetividade irônica, a crônica do cotidiano e o despojamento na abordagem da questão racial.

Fazendo um empréstimo das considerações de Octavio Ianni (1988, p. 99), as expressões artísticas refletem “o sentimento do mundo que se espraia por todos os recantos da vida dos indivíduos, famílias, grupos e classes; e atravessa a história da sociedade brasileira”. Assim, se pudéssemos eleger, para este final, uma trilha sonora capaz de dialogar com o romance, sob o risco de cometer um deslize de análise – esta, certamente, seria a música que ficou conhecida na voz de Elza Soares ao cantar: “A carne

mais barata do mercado é carne negra/ Só serve o não preto/ Que vai de Graça pro presídio/ E para debaixo do plástico/ Que vai de graça pro subemprego/”.

Ainda que separadas por um deslocamento temporal, tanto a literatura quanto a música destacam a representação do povo negro de (re)existir no tempo e no espaço, sob a problemática da representação. Reforçamos isso ao lembrar que, nas palavras de Djamila Ribeiro (2019, loc. 22), “mulheres negras estão em uma situação em que as possibilidades são ainda menores”, prova disso é a posição de Clara, cuja figura se vê limitada pelo impasse da ótica narrativa ao representá-la. Essa questão nos leva a supor que se fosse dada à Clara a possibilidade de falar por si mesma o leitor acompanharia outros descolamentos. Entretanto, concebemos a obra a partir de sua instância e matéria interna que emitem sentidos sobre o seu tempo.

A obra de Lima Barreto, não menos relevante no momento de sua produção, hoje nos serve como instrumento de reflexão acerca dos lugares sociais e das formas pelas quais a figura negro é representada na literatura. Ao lançarmos as problemáticas que o livro suscita para o debate contemporâneo, poderíamos, a partir do trabalho intelectual de Lélia Gonzalez, Grada Kilomba e Djamila Ribeiro, vislumbrar modos mais éticos de pensar em saídas emancipatórias e lutar para que as vozes negras “possam ter direito a voz e melhores condições” (Ribeiro, 2019, loc. 22). Para que essa luta continue existindo, “seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam elas de raça, gênero ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala” (Ribeiro, 2019, loc. 22).

Por fim, embora o romance *Clara dos Anjos* tenha sido gestado em 1922, a sua permanência no tempo, quando relanceado e reinterpretado no período contemporâneo, reafirma a importância de um olhar ancorado no feminismo negro e na noção de lugar de fala, cujo fito conforme propôs Djamila Ribeiro (Ribeiro, 2019, loc. 28) é “perceber que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica”. Poderíamos concluir, a partir da ótica de Ribeiro (2019), que a questão racial está incrustada nas colunas internas da narrativa, funcionando, ainda neste tempo em curso, como potência de empoderamento e humanização. Afinal, como conclui Adichie Chimamanda (2019, loc. 16), “histórias podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. Essa reflexão potente, enraizada em sua própria história de vida, pode ser

facilmente projetada para a vida de tantas outras Claras, não apenas personagens de narrativas, mas também autoras de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *E-book*.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2012.

BUENO, Luís. **Disjunção e Isolamento**: ensaio de história literária. Tese de titularidade, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

CALDEIRA, Jorge. **História da riqueza no Brasil**. Santa Maria: Estação Brasil, 2017.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 166-182, mar. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33195>. Acesso em: 18 out. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020. *E-book*.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição comemorativa do centenário da abolição da escravatura. N. 20. São Paulo: USP, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Marcos Hidemi de. Pobre, mulata e mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos. **Literafro** (UFMG). Belo Horizonte: UFMG – Portal de Literatura Afro-Brasileira, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/446-pobre-mulata-e-mulher-a-estigmatizacao-de-clara-dos-anjos>. Acesso em: 12 dez. 2024.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. *E-book*.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Clara dos Anjos e as cores de Lima. **Sociologia e Antropologia**, v. 07.01: 125-155, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v716>. Acesso em: 18 out. 2024.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011. *E-book*.